

PAISAGENS RURAIS DA AMÉRICA TROPICAL

ENSAIO DE GEOGRAFIA COMPARADA

A América, pela maneira como se dispõe o seu máximo desenvolvimento, exagera certos caracteres dos outros conjuntos continentais: nenhuma avançada insulares se encontram tão próximas do Polo Norte, nenhuma outra ponta meridional se afila, torce e prolonga até latitudes tão elevadas. Ela é, em todos os mares comunicados, a grande barreira de terras emersas, aproximada da Ásia por um estreito e um cordão insular mas afastada da Europa por um oceano, que forma como uma réplica em latitude do continente americano.

Tardiamente incorporada na ecúmena a custo de longas e penosas migrações de que é impossível reconstituir o rasto, recebeu da Ásia a humanidade mas elaborou *in situ* as suas formas superiores de civilização. O pedúnculo, que liga os dois blocos continentais, e o «mediterrâneo» caribe parecem ter sido lugares propícios aos contactos que as fazem desabrochar; mas os planaltos andinos constituem um ambiente particularmente difícil para o homem. O que nas ruínas dessas civilizações possa sugerir o Oriente clássico ou o Extremo Oriente não passa de convergências fortuitas, nascidas duma grande capacidade de invenção e da fundamental identidade do espírito humano. Essa elaboração deu-se num isolamento que também foi o último a quebrar-se, porque o Atlântico, o mais pobre dos oceanos em diversidade de técnicas de embarcação, foi, por isso, o derradeiro a ser regularmente navegado. Abordada pelos Escandinavos a partir da Islândia, este «descobrimento» não teve consequências nem para a América nem para a Europa. A dureza do ambiente e a precariedade

dos estabelecimentos fizeram com que se extinguisse completamente uma colonização de quatro séculos, baseada essencialmente na pesca, na caça e na permuta, sem deixar rasto na vida rural. Nos alvares da época moderna, a América era efectivamente um *mundo novo*. Nele perseguiu Colombo a miragem do ouro e das riquezas prestigiosas do Oriente; mas os Espanhóis não tardariam a encontrar cidades ricas no meio de terras ordenadas e produtivas e os Portugueses a fundar, na rota marítima do Oriente, que absorvia o essencial dos seus esforços, estabelecimentos que lhes servissem, ao mesmo tempo, de portos de escala e de centros de produção agrícola, estimulada por aquele circuito comercial. A América abriu-se assim à vida de relação no quadro das grandes navegações peninsulares e da expansão ibérica, cujo cunho se imprimiu fortemente na maior extensão da sua área habitada e no maior número de países que nela se vieram a constituir. Da velha terra situada entre o Mediterrâneo e o Atlântico foram transplantadas algumas das raízes da civilização que aí se vai desenvolver, ao mesmo tempo que uma vida nova pulsa na circulação oceânica, envolvendo todo o globo. Qualquer fenómeno humano da América, cujo desenvolvimento se pretenda compreender, carece de ser encarado na dupla perspectiva que permitirá esclarecê-lo.

TRAÇOS DA EVOLUÇÃO HUMANA NOS CONTINENTES TROPICAIS

O mundo tropical, dividido em três blocos isolados total ou parcialmente até essa altura, revela ao observador traços de unidade e de diversidade. Os primeiros provêm quer de convergências físicas de natureza zonal, quer de relações que, a partir do século XVI, não deixaram de intensificar-se, estabelecendo contactos de gente e de produtos, de técnicas e de experiências. Como um fenómeno natural, comparável à regularidade dos «ventos gerais» (alísios), as navegações ibéricas cingiram num circuito todos os mares, de Lisboa, Sevilha e Cádiz até ao ponto de encontro de Portugueses e Espanhóis nas Molucas e nas Filipinas. Ilhas Atlânticas, África, América, Oriente, ligaram-se assim a um destino comum pela «navegação e comércio», quando não pela «conquista», fundamento da segurança de ambos. Mas existe uma diversidade que provém

da evolução humana própria de cada continente e das reacções que suscitou perante os novos concorrentes à sua ocupação. Em breves palavras, pode sistematizar-se assim:

Na Ásia das Monções, um conjunto de técnicas agrárias tão engenhosas como as do mundo mediterrâneo e mais produtivas que as da Europa média, graças à regularidade do ritmo climático e à abundância de chuva da monção, que permite, represando a água no tempo seco, duas colheitas do cereal de maior rendimento unitário que se conhece — o arroz; grande variedade de culturas de suplemento e de condimento (coqueiro, pimenta e outras especiarias, árvores de fruto: mangueira, jaqueira, fruta-conde); emprego de gado na tracção do arado e do carro, uso de estrume e aproveitamento da sujidade das casas e das pessoas, armação da terra em canteiros levemente inclinados, que tanto facilita a rega como o escoamento do excesso de água; agricultura capaz, ao mesmo tempo, de alimentar as densidades de população rural mais elevadas que se conhecem e de absorver a mão-de-obra em culturas minuciosas e exigentes; instituições sociais poderosas, quer ao nível da aldeia — comunidade de interesses e de relações que, começando por estabelecer-se provavelmente em aglomerados, conserva nas formas de povoamento disperso a mesma coesão —, quer ao nível da sociedade, poderosamente hierarquizada pelo sistema das castas na Índia e pelas ordens de mandarins e o respeito do prestígio e da sabedoria dos antigos na China; sociedade enredada na teia complexa de relações humanas e por isso, a certa altura, imobilizada e improgressiva, mas sem tensões e lutas, permitindo aos homens viverem numa paz de parcimónia na terra exíguamente ocupada pelas mais antigas multidões que se constituíram no globo. A densa população da terra deixa pouco lugar para a intromissão estranha e, por isso, os Europeus estabeleceram-se muito mais como dominadores e negociantes do que como colonos rurais ou plantadores. A despeito de importantes transformações contemporâneas (industrialização, grandes obras de rega, revolução comunista na China), são em grande parte as velhas estruturas rurais que dominam a sociedade e marcam a organização das paisagens.

Na África negra, um conjunto de «fraquezas» técnicas colocou este continente à margem das brilhantes civilizações

do Velho Mundo. Invenções que o deserto não detém, não lograram ultrapassar a barreira de savanas e florestas com que ele confina pelo sul: nem o arado, nem a roda — com as suas aplicações ao transporte, à moenda e à olaria —, nem a escrita, nem a moeda, desconhecida nas próprias áreas produtoras de ouro. Por outro lado, o poder político não produziu mais do que formas evanescentes, tantas vezes discricionárias e cruéis, e a ausência dum padrão de valor permitiu que todos os contactos de comércio se estabelecessem na base do «resgate», isto é, da troca de quinquilharia e sal por produtos valiosos para quem os adquire (ouro, escravos, marfim, borracha, peles, oleaginosas) e mal pagos a quem os ministra. A debilidade das estruturas políticas, a ausência de técnicas susceptíveis de organizarem vastos espaços e permitirem densidades elevadas da população, davam à África uma aparência de terra vasta e inocuada que, no fim do século XIX, as potências europeias serenamente decidiram «partilhar» entre si. Assim se instalou a «plantação» em áreas de que foram espoliados os donos e usufrutuários, depois da gente africana, na mais vasta e duradoura migração compulsória que se conhece, ter servido de mão-de-obra às «plantações» e minas da América. Ao período inicial de escravatura sucederá a servidão, o trabalho forçado, a dependência política e a marginalidade económica, de que só nos últimos anos, e não por toda a parte, a África negra começa a libertar-se. Razoavelmente dotada em plantas cultivadas e animais domésticos, nenhuma das suas populações de camponeses ou de criadores de gado se elevou a manifestações superiores e duradouras de civilização.

A América, vista comparativamente a esta luz, revela maiores contrastes. A recollecção e à agricultura de subsistência com técnicas rudimentares, alimento duma humanidade instável e parca de necessidades, opõem-se as formas superiores das civilizações pré-colombinas: isoladas em dois focos separados pela distância e pelo obstáculo de relevos e florestas, parecem, por certo paralelismo e continuidade de manifestações, terem comunicado entre si. Todas assentam na base agrária mais frágil entre as grandes civilizações: desconhecimento ou escasso emprego do metal, usado antes para fins decorativos do que utilitários, ausência de gado e, portanto, de

estrupe ⁽¹⁾ e de instrumentos de lavoura e de transporte, fulcro da policultura de subsistência no milho, cultivado num ciclo vegetativo dos mais curtos entre os cereais superiores, em campos fugazes, talhados pela derrubada e pela queimada e logo abandonados à reconstituição das capoeiras. No entanto, é a América que vai ministrar ao resto do mundo um número apreciável de espécies cultivadas: só em África elas representam 45 p. 100 das plantas alimentares de uso corrente. Basta citar, entre as que não se podem cultivar fora das regiões tropicais, a mandioca, centro de policulturas tanto na América como na África e na Índia, o mamoeiro ou papaia, por certo a árvore de quintal mais divulgada em todas as terras quentes e húmidas, o cajueiro, que forma autênticas «savanas» frutíferas nas areias do litoral de Moçambique e nas cascalheiras lateríticas de Goa, o amendoim, planta de condimento antes de ser utilizada em grande escala como oleaginosa, o cacau, que constituiu um «ciclo económico» nas plantações sombreadas das ilhas do Golfo da Guiné, antes de enriquecer os camponeses do litoral fronteiro — matéria-prima industrializada nos países mais desenvolvidos da Europa e da América (chocolate); e ainda o milho, o feijão e o tabaco, cuja fortuna ultrapassou largamente, graças ao calor do Verão e à rega, o ambiente tropical onde primeiro se desenvolveu a sua cultura, a batata, originária dos *páramos* frios dos Andes e que veio a conhecer na Europa a maior difusão e, a partir dela, se tornou universal, o tomate, cuja área de cultura e interesse comercial estão em pleno desenvolvimento.

Na policultura do milho (est. I) — associado em toda a América tradicional ao feijoeiro e à abóbora —, nela e na batata encontraram as civilizações superiores dos planaltos mexicanos e andinos a sua base rural. Milho, feijão, abóboras «formam um complexo simbiótico sem igual em qualquer parte. As plantas do milho crescem alto e têm primeiro direito à luz do sol e à humidade. Os feijoeiros trepam pelos caules do milho, partilhando da luz; as raízes suportam colónias de bactérias fixadoras do azoto. As abóboras crescem deitadas no solo e

(1) Com excepção dos Incas, que domesticaram o lama e a alpaca e utilizaram o guano.

completam a cobertura dele» (2). O milho pede apenas 60 a 70 dias de trabalho, contra 120 a 130 nos arrozais alagados da Ásia das Monções (contando apenas a cultura do tempo das chuvas); sobram assim, durante o ano, quase dez meses de ócio (3), aproveitados pelas classes poderosas para a construção monumental, tanto mais dura para a gente de condição humilde quanto, pela ausência de animais de carga e de tiro, todo o transporte se fazia a braço. Os Aztecas tinham, entre as classes ínfimas, uma constituída por carregadores: ainda hoje se podem ver Índios ajoujados debaixo de enormes fardos, envoltos por uma tira resistente sustida pela testa. P. GOUROU (4) procurou mostrar como, no caso dos Mayas, esta base era precária, assente na *milpa*, processo de cultura itinerante, precedido da derrubada e da queimada e seguido de longo pousio florestal; a densidade da população levou ao esgotamento dos solos, à constituição de *milpas* cada vez mais distantes e ao abandono das cidades (que eram essencialmente centros cerimoniais largamente concorridos), assim dissociadas da sua área de abastecimento. Embora outras causas plausíveis se possam invocar para a decadência maya (revolta de camponeses contra a dureza do trabalho que se lhes exigia), esta nada tem a ver com a chegada dos Espanhóis. Pelo contrário, os dois vice-reinados que se estabeleceram no México e no Peru assentam na importância das civilizações azteca e incaica, decapitadas na estrutura política mas aproveitadas nas suas formas de utilização e arranjo da terra e de organização do espaço. Adoptadas também facilmente na estrutura social da propriedade e do trabalho, porquanto a Espanha conservou até tarde, nas áreas de latifúndio, numerosa população dependente em condições pouco melhores que a dos *peones* índios e usanças de exploração comunitária que não deixam de assemelhar-se ao *calpulli* azteca e ao *ayllu* incaico.

Os portos de Acapulco e de Callao de Lima, que serviam os centros dos dois principais vice-reinados, haviam de quebrar o isolamento da América para o lado do Pacífico, abrindo à

(2) CARL O. SAUER, «Agricultural Origins and Dispersals», *The American Geographical Society*, New York, 1952, p. 64.

(3) P. CHAUNU, *L'Amérique et les Amériques*, Paris, 1964, p. 19.

(4) *Les Pays Tropicaux*, 4.ª ed., Paris, 1966, pp. 67-76.

navegação espanhola, depois de transposto o istmo de Panamá, o Mar do Sul, e tornando possível, nas Filipinas e nas Ilhas das Espécies, o encontro dela com a navegação portuguesa, fechando-se assim o circuito marítimo tropical e subtropical a que se aludiu.

CONTACTOS DE CIVILIZAÇÃO

Era indispensável avivar os traços desta diversa evolução para compreender a paisagem rural americana no que ela possui de vário e de original. Na Ásia das Monções, como na Europa e no mundo mediterrâneo, desenvolveram-se civilizações agrárias susceptíveis de ocuparem integralmente a terra, reduzindo e transformando os próprios incultos em reservas pastoris ou florestais, arroteando os bosques para fazer lugar ao campo e ao prado, seleccionando as árvores com dominância de umas tantas espécies de valor económico ou praticando na orla deles culturas episódicas, pelo processo universal e arcaico da derrubada e da queimada. O que caracteriza todas estas áreas é a existência dum «campo» (no sentido do francês «campagne») em cujo arranjo se exprime a capacidade que as respectivas civilizações revelaram para «dominar a natureza e organizar o espaço».

A África negra é o reverso desta imagem. Podem apontar-se excepções; citarei apenas duas: a rizicultura alagada, tal como a praticam algumas populações do litoral da Guiné, para a qual se armam em camalhões e regos vastos espaços protegidos da água salgada por valos de mais de uma dezena de quilómetros de extensão, que constituem autênticos *polders*; as misteriosas ruínas do parque da Inhanga (Inyanga, Rodésia do Sul), com socalcos, caminhos, regos e conjuntos de casas circulares, abandonadas por certo em época recente por uma população de que se ignoram origem, permanência e destino: sorte de Machu Pichu sem o grandioso cenário dos Andes e a perfeição no talhe da pedra, ali escolhida mas não aparelhada, ou como se, de repente, na escadaria de geios da vinha do Douro cessasse todo o trabalho e a gente desaparecesse. Sem embargo deste e doutros exemplos (certamente cada vez mais numerosos com os progressos da pesquisa), domina a imagem da terra hirsuta e instável, da cultura «itinerante»

precedida da derrubada incompleta e da queimada, sem utilização doutro fertilizante além da cinza, restringindo-se as culturas fixas e mimosas, geralmente praticadas por mulheres, às cercanias da palhota, estrumada com o lixo da casa e os dejectos da gente, para obter condimentos (malagueta, tomate, etc.) ou plantas destinadas ao artesanato, como o algodão. Agricultura improgressiva? Não por toda a parte. Os Ovimbundo dos arredores de Nova Lisboa (Angola) praticam a rega, utilizando para isso regos semelhantes aos que foram instalados pelos colonos para refrescar os alambiques de destilação do suco de cana-de-açúcar e cultivando um cereal que vendem mas não apreciam: o trigo. Da mesma forma os povos da Huíla receberam dos colonos madeirenses o rego de água e o adobe para a construção da casa quadrangular; uns e outros se servem do gado de lavoura, alargando o compasso das sementeiras para que uma junta possa puxar a charrua. Mas, uma vez mais, estes exemplos constituem excepções e resultam dum processo recente de «aculturação». Quer o centro das policulturas seja uma associação de cereais (sorgo, *Penisetum*, milho grosso), um tubérculo (inhames, mandioca) ou um fruto (banana), a terra é instável e conserva um aspecto inacabado e irregular no meio de vastas capoeiras, donde, no fim da estação seca, se levantam densos rolos de fumo das queimadas. Nada a que, com propriedade, possa aplicar-se o nome de campo.

A América possui o privilégio de nos revelar, na mais larga escala e na maior extensão do seu território, múltiplos e fecundos contactos de civilização: é à luz deles que se pode compreender a sua geografia. Processos semelhantes desenvolveram-se em muitos outros lugares; mas perdem-se na obscuridade do tempo e não utilizaram os recursos da revolução industrial que, iniciada no Ocidente da Europa Média, tomou afinal nos Estados Unidos a sua expressão mais vigorosa e dominadora.

Pode escolher-se um exemplo brasileiro como símbolo destes encontros (est. II). Em todo este imenso país a casa rural (às vezes até a casa da cidade pequena) é construída por um processo herdado dos Índios (os Mayas do Yucatan ainda o empregam) ou, mais provavelmente, importado da África com os escravos negros: uma armação de madeira atada com fragmentos de cipós, revestida de barro atirado de encontro a ela (*casa de sopapo*, impròpriamente chamada de taipa). A téc-

nica de construção é africana ou ameríndia, mas a forma rectangular, com a fachada principal no sentido da maior dimensão, é a mais comum na casa rural mediterrânea; generalizou-se de tal modo pela facilidade de obtenção dos materiais (paus e cipós na capoeira próxima, barro em qualquer buraco ao lado da construção), que colonos alemães, italianos e japoneses não desdenham empregá-la ainda hoje, pelo menos como primeira forma de instalação. Quando não é coberta de capim ou de folhas de palmeira, emprega-se a telha de canudo, trazida pelos Portugueses e que se filia na técnica da olaria mediterrânea: casa de biqueira ou beirado, hoje oculto pelas desgraciosas platibandas e que pode ver-se ainda nas maiores cidades, lado a lado das placas de cimento que revestem as altas estruturas dos *buildings* de estilo americano. Por todo o Norte do Brasil persiste o costume de dormir na rede, forma de substrato ameríndio tão entranhada nos hábitos que até em hotéis modernos e luxuosos os quartos conservam os ganchos onde ela se pode prender. Se esse substrato se revela, no exemplo aduzido, apenas por um pormenor simbólico, pode constituir, como nos países andinos, elemento da maior importância na população, predominantemente na população rural: 46 p. 100 dos Peruanos são Índios puros, 38 p. 100 mestiços, apenas 15 p. 100 descendentes de Europeus sem mistura. Com toda a razão, ao tratar do Peru na sua notável obra sobre a América Latina, PRESTON JAMES⁽⁵⁾ começa por dedicar ao império e à civilização dos Incas as primeiras páginas, sem as quais seria incompreensível a geografia *actual* deste país.

No entanto, a América é também uma Europa transposta para o outro lado do Atlântico e que aí sofreu uma evolução própria e local. América anglo-saxónica, francesa (Québec), ibérica (impròpriamente chamada latina), todas elas com o forte contributo de imigrações doutras origens: da África negra, da restante Europa média, do mundo mediterrâneo, do Oriente. Todos contribuíram, embora de maneira diversa, para o *melting-pot* onde se fundiram, imperfeita e lentamente (às vezes entre dolorosas tensões raciais), os vários ingredientes humanos. Ao tentar estabelecer os grandes traços da paisagem rural americana, é indispensável ter em conta não só as cor-

(5) *Latin America*, 3.^a ed., New York, 1959, pp. 162-166.

rentes dominantes na economia da circulação de produtos e as condições do ambiente, mas o substrato das civilizações locais e a variedade de combinações que podem resultar de contactos humanos que se desenrolam em quatro séculos e meio de história.

IMAGENS DA AGRICULTURA AMERICANA

Formas progressivas — Os aspectos mais espectaculares da paisagem rural americana, aqueles que em primeiro lugar acodem ao espírito, são os que resultam ao mesmo tempo da intervenção europeia e da aplicação das técnicas agrárias mais progressivas: «plantações» tropicais e paisagens de monocultura dos Estados Unidos ou da Argentina, onde uma lavoura inteiramente mecanizada desenrola em espaços imensos a mesma vestimenta vegetal. Num país «transcontinental» como os Estados Unidos, este predomínio pode tomar, por motivos ecológicos, uma disposição zonal: *corn belt*, *cotton belt*. Mas a vitória da máquina foi precedida de duro esforço humano: nos países de origem atlântica, a lenta deslocação da «fronteira» das terras ocupadas fez-se à custa de penosas migrações, arroteias difíceis e lutas quase permanentes: terminada nos Estados Unidos somente no fim do século XIX, mas ainda viva nas «frentes pioneiras» da América do Sul. Nos Estados Unidos, no Canadá, na Argentina, essa marcha para oeste eliminou quase totalmente os Índios, relegados ao isolamento das suas «reservas», onde constituem, na América do Norte, uma deplorável atracção turística. Facto que vale a pena recordar para contrapor às cruéis matanças atribuídas aos Espanhóis; e ainda que, muito do que se mostra como «índio» no Sul dos Estados Unidos é espanhol e se deve, afinal, à força da aculturação com um povo que se misturou com os indígenas, integrando-os largamente em formas de vida de origem europeia. Antes da mecanização, a agricultura em larga escala era um grande chamariz de braços: baste recordar os migrantes periódicos, originários das terras pobres do Sul da Itália, que, depois de fazerem a ceifa, cada vez mais tardia, da Calábria à planície do Pó, atravessavam o Atlântico para continuarem a mesma tarefa na Argentina. A primeira guerra mundial pôs termo a esta deslocação; mas pude ver ainda

(est. III), em 1952, a colheita manual das cápsulas de algodão, no Sueste dos Estados Unidos, feita à torreira do sol de Verão, por gente de cor (só ela aceitava esta tarefa...), para enormes sacos rastejantes, presos aos ombros de homens e mulheres. Descendentes de escravos, permaneceram acorrentados a trabalhos duros ou inferiores: ainda hoje são mulatos os únicos carregadores do imenso aeroporto de Nova Iorque! A fronteira comum e o gradiente de nível de vida determinam, no México, uma deslocação temporária de *braceros* para as granjas e *ranchos* do Sul dos Estados Unidos.

A aplicação da maquinaria tornou a agricultura típica deste país um modelo de eficácia mas, ao mesmo tempo, em extremo exigente e selectiva. Uns tantos tractoristas e alguns «braceiros» cultivam extensões que a vista mal abrange: mas, enquanto nos bons solos a planura é agrária, a menor movimentação do relevo está coberta de pastagem, a colina ou a montanha conservam, mais ou menos alterado, o bosque primitivo. É sem dúvida uma agricultura «racional», de grande rendimento, mas feita à custa dum desolador vazio humano, onde as cidades são distantes e as granjas, centros da exploração, causam aos homens a sensação dum isolamento pungente, que a literatura norte-americana tão bem tem sabido explorar. Seria impossível transpor estas *exigências* para áreas de velhas civilizações agrárias: o Mediterrâneo ou os Andes, por exemplo, em condições semelhantes, tornar-se-iam rigosamente inabitáveis.

Plantações — A vasta gama das plantações tropicais, sensível mais do que tudo ao apelo dos mercados, dá-nos imagens contraditórias de permanência e de fugacidade. A faixa ecológica da mata atlântica, no Brasil, de que é preciso procurar os derradeiros vestígios em grotas ou vertentes escarpadas, tanto mostra a continuidade de uma monocultura de quatro séculos, na zona canavieira do Nordeste, como foi varrida, por várias vezes, por ventos de especulação que, tal os tufões, deixam atrás de si um cortejo desolador: a região do Rio de Janeiro, por exemplo, conheceu sucessivamente o ciclo da cana-de-açúcar, do café, da laranja, do criatório. Pude ver, em 1965, laranjais cobertos de moléstias e meio afogados no capim, que tinha conhecido em plena produção dez anos antes.

Com toda a razão se pôde escrever um *Roteiro do Café* (SÉRGIO MILLIET), que, partindo do litoral quando este era a única porta do Brasil aberta para o mundo, ganhou os planaltos interiores, caminhando tanto para o sul que ultrapassou os seus limites ecológicos, sofrendo as geadas do Paraná. O café, que foi o móbil da «segunda fundação de São Paulo», criou um vazio nos solos degradados dos arredores da cidade e foi, mais longe, substituído por culturas de subsistência, que o grande mercado urbano estimulou, ou por capim, no meio do qual os zebus roem os derradeiros pés que ninguém se preocupou em arrancar. Poderiam multiplicar-se exemplos destas transformações. O sector canavieiro do Recôncavo da Bahia, por onde o açúcar entrou no continente americano fixando-se nos magníficos solos de massapê, está em autêntica desintegração porque, no mesmo fosso tectónico onde afloram as margas cretácicas que lhes dão origem, apareceu o petróleo: uma paisagem industrial inteiramente nova sobrepõe-se às ruínas de engenhos tradicionais e às usinas modernas que já não têm que moer. A Bahia importa hoje açúcar doutros estados onde a produção se manteve. As plantações de cacau tanto se fizeram graças à derruba de matas das *Terras do Sem Fim*, numa ávida e violenta conquista do solo admiravelmente descrita por JORGE AMADO, como a expensas de velhos canaviais não renovados, onde foi preciso plantar as árvores que sombreiam os cacauzeiros.

Protoculturas — No outro extremo da escala podem citar-se as formas de agricultura primitiva e o que subsiste da recollecção quando o acaso de qualquer indústria valoriza inesperadamente um produto espontâneo. A mandioca só se colhe ao fim dum ano e conserva-se dois na terra; para plantá-la derruba-se a mata ou a capoeira (est. IV), queima-se a coivara (amontoado de troncos e ramos), tal como faziam os Índios e os Portugueses nas charnecas e montanhas da maior extensão do seu país. No primeiro ano semeiam-se, com os paus de mandioca, milho, feijão, abóboras, às vezes — por todo o Nordeste semiárido — uma planta industrial: o algodão; aquelas culturas são supletivas durante o tempo em que a mandioca não produz. Conservado o tubérculo na terra, ao abrigo da intempérie e dos roedores, arranca-se, durante dois anos, à

medida das necessidades do consumo. O algodão pode prolongar a duração destes roçados; nas áreas húmidas do Norte, onde esta fibra se não pode cultivar, a terra é abandonada depois da apanha dos últimos tubérculos; sem o sombreado das grandes árvores, reconstituiu-se uma capoeira tão emaranhada que os caboclos da Amazónia preferem derrubar mais mata a entrar nela novamente.

O substrato ameríndio é evidente nestes processos, aliás característicos de certo tipo de agricultura comum às regiões tropicais. Mas a derruba e a queimada constituíram uma forma universal de ocupação da terra. Pratica-se ainda nas montanhas xistentas do centro de Portugal, usou-se largamente nas arrozeiras do Sul deste país, do fim do século XIX e princípios do actual, persistiu na orla dos bosques da Europa média até à revolução agrícola que se seguiu de perto à revolução industrial; foi assim que, no século XVII, os camponeses do Oeste da França «fizeram terra» em Québec, definindo em relação às testadas de rios e caminhos longas tiras, onde em cada ano se fazia recuar a floresta, sem destruir a indispensável reserva de madeira e lenha exigida pela construção e pelo rigor do Inverno. As casas, erguidas à beira do caminho e na extrema «social» do campo, desenham extensos alinhamentos — *le rang* — donde partem perpendicularmente as parcelas estreitas e compridas. Os campos alongados, que deram origem a uma sugestiva teoria mas para os quais é impossível encontrar uma explicação única, sabe-se aqui como e porque se formaram. Quando o degelo começa e as sebes se desafogam do espesso manto de neve, visto do ar, este cadastro dum perfeita regularidade evoca paisagens rurais da velha Europa e elucida uma das suas possíveis origens.

A utilização de palmeiras do Nordeste do Brasil, como o babaçu, de que se aproveita o óleo do fruto, ou a carnaúba (est. V, A), donde se extrai a cera das folhas, a própria borraça de seringueiras disseminadas na selva amazónica onde se abriram «estradas» de exploração, permanecem, a despeito do destino industrial destes produtos, como autênticas formas de recollecção: umas deram origem a plantações (seringueira ou árvore da borraça, est. V, B), outras continuam a ser utilizadas pela mera selecção das árvores com interesse e limpeza do sub-bosque. Foi a existência dum mercado para o produto

principal a razão de se arrotearem cuidadosamente os terrenos onde crescem espontaneamente o babaçu e a carnaúba, a ponto de hoje formarem autênticos palmares especializados; com êxito variável, ensaiou-se até a plantação. Mas o aproveitamento delas vinha de longe e era muito variado: come-se o fruto e o palmito, que também se dá ao gado, a palha serve para fazer vários artefactos de entrançado, como chapéus e balaios, a madeira da carnaúba, que é direita e resistente, usa-se na construção de telhados e de cercas ⁽⁹⁾. Os ocupantes da terra foram a pouco e pouco encontrando nestas árvores a variedade das suas utilizações, algumas aprendidas dos Índios; mas só o aproveitamento industrial fez desenvolver povoamentos seleccionados, densos e exclusivos, cuidadosamente limpos da vegetação adventícia.

No Recôncavo da Bahia introduziu-se o dendezeiro (*Elaeis guineensis*), cujo óleo constitui ingrediente indispensável numa cozinha de filiação africana; na terra de origem, esta palmeira é uma árvore providencial, que dá o vinho da seiva fermentada e o azeite da polpa do coquinho, cuja noz se come ou se vende para a indústria (coconote), secando-se a fibra para com ela acender o lume; come-se também o palmito, usa-se como sal a cinza das flores masculinas, cobrem-se as casas com o entrançado das folhas, com que se fazem balaios e armações de pesca. Antes da utilização industrial, origem de intermináveis plantações geométricas, a palmeira dendém era desafogada da sua vegetação convivente; afim de manter limpo o seu chão, os Manjacos da Guiné portuguesa desfolham-na (para fazer o mínimo de sombra) e semeiam nele arroz de sequeiro. Podiam multiplicar-se exemplos tropicais destas «protoculturas», que estabelecem a passagem gradual entre a recollecção primitiva, pela utilização engenhosa e variada de diversas partes dum vegetal, e a «plantação», forma aperfeiçoada de agricultura na dependência da larga utilização industrial — e portanto dum circuito de comércio — dum único produto. Não deixa de ser sugestiva a aproximação com o montado ou *montanera* do Sul da Península Ibérica, de sobreiro, a que se extrai a cortiça, e de azinheira, que dá madeira rija, duradoura e de lindos

⁽⁹⁾ ORLANDO VALVERDE, *Geografia Agrária do Brasil*, vol. 1.º, Rio de Janeiro, 1964, pp. 321-344.

veios, com que se fazem eixos de carros e delicadas obras de torno; os frutos de ambos servem à engorda de porcos, e as árvores, esparsas ou densas, são geralmente associadas à cultura cerealífera com pousios mais ou menos prolongados. O mundo mediterrâneo, pela mediocridade dos solos, pelo desfavor do clima, pelo peso da rotina e pelas dificuldades que a pobreza e o relevo opõem à mecanização, conserva também formas intermédias entre uma sorte de recollecção florestal e uma agricultura capaz de organizar completamente a terra e de eliminar as pausas na produção.

Exemplos de campos — Finalmente, merecem particular referência os «campos» no sentido europeu do termo (*campagne*): terra que perdeu todo o bravio primitivo e assegura à gente que nela vive trabalho e subsistência. O Peru pode servir de exemplo numa organização do espaço cultivado onde é hoje difícil destrinçar o contributo da colonização do substrato ameríndio. Lima, por exemplo, é uma formosa cidade espanhola, rodeada, como na Andaluzia e no Levante, por uma *huerta* no meio dum deserto. Mas as civilizações locais conheciam já a rega e a construção de barro (adobe e taipa), empregada nas casas rurais e nos muros de divisão, e os Incas não hesitavam em cobrir de *andenes* os relevos mais alterosos (est. VI e VII). Aí, como no Mediterrâneo, o solo é uma criação artificial que assenta na armação da terra em socalcos, no transporte e mistura de solos de vária proveniência, na rega cuidadosamente encaminhada por um sistema de canais que só uma organização política poderosa permite construir e conservar. A ilha da Madeira, as regiões vinhateiras de Ribadavia, na Galiza, do Douro, em Portugal, do Valais, na Suíça, os laranjais de Sorrento, os arrozais de Java, tudo conjunto de socalcos, uns regados outros não, só podem conceber-se em velhas civilizações agrárias, onde o amor entranhado ao torrão, o valor dum produto e o trabalho não contabilizado permitiram que se erguessem estas admiráveis obras de engenharia rural. Quando nos mostraram, no Congresso Internacional de Geografia de Washington, em 1952, a recente *invenção* da lavoura segundo as curvas de nível, alguns de nós não pudemos deixar de sorrir a tão tocante ingenuidade...

Outras vezes a paisagem agrária deve-se apenas à colonização, embora aproveitando os recursos da agricultura ameríndia. L. WAIBEL (1), com a sua grande experiência das regiões tropicais, surpreendeu-se de encontrar no Recôncavo da Bahia uma agricultura sem rega nem pousio, capaz de sustentar uma densidade de 100 habitantes por km², a mais elevada que se conhece no Brasil rural: policultura alimentar (mandioca, milho, feijão, abóbora, etc.) em rotação com tabaco (est. VIII, A), sobre terra abundantemente estrumada para esta planta de valor comercial, aproveitando-se a fertilidade remanescente nos dois anos consecutivos em que se pratica a cultura principal. Ao invés da cana-de-açúcar, introduzida pelos Árabes no Sul da Itália e difundida progressivamente nas ilhas atlânticas e na América, todas as plantas são «indígenas», mas toda a técnica agrária é portuguesa, embora privada dos seus instrumentos fundamentais de tracção animal — o arado e a grade. Na proximidade do sertão pastoril que ministra o estrume, a própria nomenclatura recorda o criatório: *currais* e *malhadas de fumo* (malhada é, em Portugal, o lugar onde o gado dorme e descansa, em cercados que se vão deslocando conforme se deseja estrumar o campo). A avidez de fertilizante vai ao ponto de se usarem, como na agricultura chinesa, as próprias montureiras das casas. Árvores de fruto de várias origens (mamão brasileiro, manga e jaqueira indianas, bananeira africana) salpicam os campos e ensombram os quintais junto das habitações. Em solos arentos de chapada, frágeis e inférteis, criou-se, «por acumulação de trabalho humano» (D. FAUCHER), uma agricultura completa, porque dá à gente o que comer e o que vender: ela explica a alta densidade que a população alcança.

Outro exemplo ministra-nos a intensa vida rural das serras do Ceará, que se levantam acima da paisagem semiárida da caatinga. Nesta o criatório é livre e cercam-se, junto das fazendas de gado, os pequenos roçados de milho, mandioca e algodão; no *pé-de-serra*, beneficiando da precipitação que aumenta com o relevo, cerca-se o gado para não prejudicar culturas que ocupam a maior extensão da área explorada.

(1) *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*, Rio de Janeiro, 1958, pp. 303-305.

Na montanha encontra-se um autêntico «campo», dedicado a uma agricultura autárquica, herança dum passado próximo em que cada uma destas ilhas de relevo estava também «ilhada» no aspecto das relações humanas. A ocupação da terra pode esquematizar-se assim: no fundo húmido dos largos vales, a cana-de-açúcar, estrumada com esterco de gado trazido do pé-de-serra e o próprio bagaço da moenda; nos interflúvios, a mata ou capoeira, reserva de madeira para a construção e de lenha para os engenhos, onde se ferve, em tachos de cobre, o caldo de cana para preparar as formas de rapadura (açúcar grosseiro) e para os alambiques da aguardente; disseminadas na mata, a palmeira babaçu, cujo coquinho se quebra para vender como oleaginosa; em torno das habitações, árvores de fruto, pés de café, verduras e condimentos cultivados em mesas de madeira, num «solo» inteiramente artificial, feito da mistura das melhores terras das várzeas com estrume das casas e dos currais. De longe em longe, as instalações artesanais que exige a preparação de certos produtos agrícolas: a *casa da farinha* (est. VIII, B), onde a mandioca é prensada pelo processo que os Gregos antigos usavam para fazer vinho e azeite; o engenho tocado a boi, a forma mais rudimentar de espremer a cana, há muito desaparecida nas áreas de grande produção açucareira. O carro de boi (est. IX, A), de eixo móvel que faz corpo com a roda cheia, transporta a cana e o estrume e faz ouvir, pelos caminhos, a mesma melancólica chiadeira do seu país de origem.

Pobreza técnica — Em todos os casos referidos, o campo organizou-se com pobreza ou até com empobrecimento de meios. Os Incas (como toda a América pré-colombina) desconheciam a roda (o que lhes permitiu traçar caminhos em escadaria para vencer os maiores declives) e o animal de carga que domesticaram (o lama) apenas transporta duas arrobas, enquanto o homem se ajuda a quatro; ainda hoje tem largo emprego, a par dum arado muito rústico, um instrumento de revolver a terra, impulsionado com o pé, que não deixa de recordar a *laya* basca, embora por mera convergência. Mas, se são rudimentares os processos de lavoura e de transporte, o arranjo do campo é sábio e foi capaz

de vencer a aspereza incomparável dos vales andinos. A terra é armada em socalcos, providos de saliências que servem de escada; uma camada inferior de pedras e barro, mais ou menos espessa consoante a altura do muro de suporte, sustenta o solo, mistura de lodos, estrume (os Incas descobriram o poder fertilizante do guano) e solo das melhores qualidades e de várias proveniências. Empregaram-se, para as culturas alimentares mais correntes, processos semelhantes aos dos «geios» do Douro, onde, numa escadaria de socalcos, se criou um solo artificial, com xisto esmagado, nateiros das cheias do rio e cabazadas de estrume. Mas, numa Europa onde triunfara a economia capitalista, só um produto de comércio valioso, como o vinho do Porto, poderia pagar este trabalho. A rega está muito generalizada: destinada talvez inicialmente a manter as pastagens onde se criavam lamas para o transporte e alpacas (principais fornecedores de lã em cuja tecelagem os Incas foram exímios), tanto se aplica hoje à associação do milho e à batata, bases da alimentação tradicional, como ao trigo, à cevada e à fava, introduzidos pelos Espanhóis. Numa encosta conta-se às vezes mais de um cento de socalcos; as levadas podem fazer percursos de 30 km, em declive que tem de conservar-se, ao mesmo tempo, suave e contínuo; o Inca GARCILASO DE LA VEGA, nascido em Cuzco dum conquistador e duma princesa índia, fala de acéquias que corriam por mais de 150 léguas e os Espanhóis deixaram arruinar, delas «vivendo ainda os rastos e sinais». Aproveitam-se as torrentes de montanha com que se regam os respectivos cones de dejeção; os próprios rios são canalizados, para utilizar as beiradas e proteger os campos marginais (est. VI e VII, B). A mestria no emprego da água ia ao ponto de se construírem aquedutos para abastecer as povoações principais. Introduzindo plantas novas, adaptando caminhos às *caballerias*, fundando cidades que são réplicas perfeitas de outras da Estremadura, da Andaluzia e do Levante, ou rematando com palácios os muros arcaicos de Cuzco, os Espanhóis não careceram de modificar sensivelmente esta admirável civilização rural, que é talvez a mais espantosa vitória contra um ambiente desfavorável. PRESTON JAMES (8)

(8) *Ob. cit.*, p. 162.

notou-o com vigor: «As antigas civilizações da Mesopotâmia, Egipto, Índia e China, começaram todas em vales de grandes rios, altamente produtivos, onde se originaram sociedades estreitamente unidas e coerentes, em parte através da necessidade da utilização cooperativa da água. Mas os Incas construíram a sua civilização num território que parece o mais inadequado que se possa imaginar para a prosperidade económica e a unidade política». CARL O. SAUER (9), insistindo na pobreza das terras altas em peixe, caça e combustível, admite que a expansão do estado inca fosse, em parte, devida à necessidade de escapar à penúria de proteínas e gorduras do seu ambiente genético. E, no entanto, esta área de civilização conta-se entre os grandes focos de origem de plantas cultivadas e o mais importante de animais domésticos da América: o porquinho-da-índia e duas espécies de camelo dos Andes, uma adaptada à carga (o lama) e outra à lã (a alpaca); nenhum outro povo americano apurou animais para estes fins. Com razão se notou que os Europeus tardaram três séculos em apreciar o alimento mais corrente dos Peruanos (10): a *papa* ou batata (*papa*, alimento!); e que só as últimas fomes, anteriores à revolução agrícola da Europa média, facilitaram a sua introdução, levando ainda mais um século a alcançar a generalidade que hoje tem. Sendo importante notar (ao invés do caso do milho que adiante se referirá) que as planuras cerealiíferas do centro e do Sul da Península permanecem fiéis ao trigo e ao grão-de-bico, chegando a Espanha a exportar este último para a América, onde os emigrantes recentes se desprendem a custo dos seus hábitos alimentares.

No Recôncavo da Bahia e no Ceará, como na maior extensão do Brasil tropical, emprega-se o carro de boi, originário do Norte de Portugal, mas o arado é desconhecido. Usado apenas na área canavieira (est. IX, B) foi, aí mesmo, uma introdução tardia (século XVIII): feito de madeiras pesadas para abrir sulcos no barro pegajoso do massapê, tem de ser puxado por uma «junta» de quatro «cangas» (isto é, oito bois), com

(9) *Ob. cit.*, p. 53.

(10) H. BINGHAM, *La Ciudad Perdida de los Incas* (trad. espanhola), Santiago do Chile, 1950, p. 31. Excelente obra de divulgação do descobridor de Machu Pichu, com um bom resumo sobre a civilização incaica.

três homens para o manejar. A forma «quadrangular» e a existência de rodas permitem filiá-lo num tipo originário das planícies da Europa média e introduzido pelos Suevos no Noroeste de Portugal, a que ficou confinado ⁽¹¹⁾. Trazido certamente por gente oriunda daí, tão numerosa naquela época que a Bahia era então considerada como uma «colónia» do Minho, é um curioso efeito de retorno: a generalização do milho nessa área, incrementando a produção dos campos regados, reforçou o peso demográfico do Portugal atlântico, tanto no país como na emigração. Este exemplo de contactos de civilização tão remotos e distantes encontra-se apenas numa cultura rica, de elaboração industrial, temerosa da concorrência; por isso se procuram conhecer os processos do fabrico do açúcar por Franceses e Ingleses nas Antilhas, introduzir daí novas variedades de canas, aproveitando para queimar o bagaço até então jogado fora; no tratamento do caldo não tardará a aplicar-se a recente invenção da máquina a vapor. Fora do ambiente receptivo da «plantação», a vida rural foi, e permanece, em extremo rotineira: exemplo de como a colonização se fez ao mesmo tempo integrando elementos de substrato local (uso geral da mandioca — *farinha* — em vez de pão) e com perda de parte do património agrário do país de origem: agricultura de enxada, ainda largamente preponderante no Brasil. Daí, na imensidade tropical deste país, o predomínio da *roça*, talhada na mata pela derruba e pela queimada, retornando, ao fim de alguns anos, ao brávio das capoeiras, onde as frondes prateadas da embaúba (*Caecropia*) indicam a associação secundária que se reconstituiu no local duma fugaz ocupação agrária.

Estes processos de cultura itinerante são comuns em todo o mundo tropical: dominantes na África negra, encontram-se, nas áreas montanhosas e florestais da Ásia das Monções, lado a lado da admirável agricultura das várzeas. Goa pode exemplificar o contraste. O arrozal domina nos largos fundos aluviais dos rios e atrás das restingas, nas terras baixas «mui férteis e tidas como as melhores do Concão». Comunidades de aldeias, agrupadas em torno de centros religiosos, hindus ou cristãos, organizaram, em proveito das castas superiores, um sábio

arranjo do campo, alisado e em declive, armado em canteiros e protegido por moitas das águas salgadas dos estuários. Na extrema dos campos, ao longo de caminhos e valados, alinham-se os coqueiros, com cujo fruto se prepara o caril. Fazem-se duas colheitas de arroz por ano, uma de monção e outra regada; ou, em lugar dela, culturas de horta. A coesão é tão forte, nesta sociedade hierarquizada, que se mantém a despeito da disseminação do povoamento, vantajosa por aproximar a gente dos locais de trabalho. Vinda das regiões secas do Norte com as castas dominantes onde o elemento ariano prepondera, constituída provavelmente em torno da rega e da disciplina colectiva que ela impõe, encontrou, na população drávida submetida, mão-de-obra abundante e dela recebeu grande parte das técnicas agrárias. Mas, mal se sai do mundo das várzeas, nos planaltos de laterite e nos esporões que constituem os contrafortes dos Gates ocidentais, podem ver-se campos erigidos de troncos e de arbustos, talhados na mata (*cumerins*) à custa da derrubada, onde durante dois ou três anos se semeiam *nachenim* (*Eleusine*) e outros cereais inferiores. Praticam esta cultura itinerante os Goulis, pastores seminómadas de vacas, búfalos e cabras, em torno das suas cabanas-currais. Trata-se duma população que desceu do planalto do Decão, que fala marata em vez de cananim e que, mesmo quando se torna sedentária, conserva um apego atávico à criação de gado. Assim, e um pouco por toda a parte, coexistem na vida rural vários ritmos e técnicas que correspondem a diferentes estádios de civilização. O que equivale a observar, lado a lado, paisagens de idades muito diversas.

O MÉXICO CENTRAL

Tomemos o México central como o último exemplo, que vai permitir retomar e precisar, dentro da orientação esboçada até aqui, a análise do complexo mundo rural americano.

Diversidade e unidade — A diversidade quase europeia das suas paisagens surpreende tanto como a completa ocupação das boas terras, a regularidade do cadastro e a existência de numerosas cidades que datam, pela maior parte, da época colonial: em lugar de criarem um vazio à sua volta (como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e outras cidades brasi-

⁽¹¹⁾ JORGE DIAS, *Os arados portugueses e as suas prováveis origens*, Coimbra, 1948, pp. 121-142.

leiras) ou de surgirem bruscamente no meio de enormes espaços cultivados mas sem gente, como nos Estados Unidos, o campo ou a horta pegam com as primeiras casas e instalações industriais e insinuam-se nos quintais numa periferia semi-rural, tão característica de certo estilo urbano europeu. Por isso, as aglomerações fazem, quase sempre, subir a densidade da população do campo: de 10 a 25 habitantes por km² no conjunto desta área, alcança 50 em torno das cidades do México e de Puebla. Nas aglomerações urbanas é muito forte a marca da origem espanhola, nas aldeias a população índia domina ou é exclusiva. No México central tiveram assento e conheceram o apogeu várias civilizações estreitamente aparentadas, mas que se tocam ou recobrem com uma individualidade comparável à dos grandes conjuntos «nacionais» da Europa ocidental; uma delas ao mesmo tempo tão vivaz e tão «ecológica» — a tarasca —, que a paisagem toma aí uma tonalidade original sensível ao observador mais desprevenido ⁽¹²⁾.

A unidade desta «região» baseia-se em condições naturais. Uma grande fractura transversal (que segue aproximadamente o paralelo de 19° N) atravessa o México ⁽¹³⁾ e desnivelou dois compartimentos, sendo o setentrional mais elevado. Ao longo dela produziu-se uma intensa e prolongada actividade vulcânica: erupções e tremores de terra são frequentes. O Paricutin, cujas lavas cobriram uma aldeia de que resta apenas, no meio delas, a torre da igreja, «nasceu» num campo de milho, em 1943, e alcançou, ao fim dum ano, 430 metros. Alguns relevos, provenientes de emissões mais duradouras, ultrapassam 5 000 metros e dominam, com os cimos nevados, os horizontes da região. Formando uma cadeia quase contínua, criaram à primitiva drenagem, que fluía para o sul, um obstáculo, originando numerosos lagos. Nos espaços intervulcânicos acumularam-se cinzas, tufos e materiais sedimentares, em várias bacias, algumas endorreicas, que são outros tantos centros de povoamento e de ocupação da terra: em 14 p. 100 da área do país vive 48 p. 100 da população

⁽¹²⁾ Estado de Michoacan, numa área que tem como centro a pequena cidade de Uruapan.

⁽¹³⁾ C. BATAILLON, «L'axe néovolcanique dans la géographie du Mexique central», *Revista Geográfica* (Instituto Panamericano de Geografia e História), n.º 64, Rio de Janeiro, 1966.

e aí têm assento as duas maiores cidades (México, seis milhões de habitantes, Guadalajara, um milhão). Os montes e cadeias vulcânicas, com declives muito fortes, as correntes de lava modernas, com superfícies rugosas de rocha inalterada, opõem obstáculos à ocupação agrária; as bacias sedimentares e lacustres, pelo contrário, com bons solos e o recurso da pesca e da navegação dos lagos, constituem outros tantos focos favoráveis aos estabelecimentos humanos. Além disso, onde o soco metamórfico não está recoberto de lavas, existem veios de prata e de ouro, que a ocupação espanhola não tardou em transformar na mais avultada fonte de receita do Império.

Os dois rebordos de relevo sobranceiros ao litoral, que a admirável intuição dos primeiros exploradores designou por Sierras Madres (Occidental e Oriental), reforçam a continentalidade do México central. Mas a barreira do Pacífico, donde parecem vir principalmente as chuvas, sendo menos elevada que a cordilheira vulcânica, não impede que esta constitua um grande centro de condensação. Relevo e convexão associam-se para dar chuvas estivais violentas, que se produzem todos os dias, não raro com granizo. Pelo contrário, as massas de ar húmido do Golfo e, com elas, a floresta tropical pluviosa, não ultrapassam a Sierra Madre Occidental. A aridez ameaça por todos os lados esta região favorecida e instala-se durante uma longa e severa estação seca. Do norte tanto chegam as avançadas do deserto oriental dos Estados Unidos como massas de ar frio que permitem, através das montanhas, a propagação de bosques frescos e pradarias viçosas. A altitude introduz assim na paisagem contrastes nítidos: relevos vulcânicos, cobertos de carvalhos e coníferas, dominam as bacias interiores, onde se encontram plantas gordas e arbustos espinhosos. Imagens contraditórias acodem ao espírito: num circuito de poucos centos de quilómetros, uns trechos recordam a austera *caatinga* brasileira, outros as montanhas húmidas da Europa média, como o Jura, com a nítida separação entre o verde sombrio das matas e o verde claro dos espaços abertos e relvados (est. X, A).

Dominância do milho — Um elemento domina, intermínível, durante o Verão, na terra cultivada: o milho (est. X, B), com o seu cortejo habitual de feijoeiro, que se enrola no seu

caule, e abóboras, cujas largas folhas rastejantes recobrem e protegem o solo. Mas nada evoca as imensas e monótonas extensões do *corn-belt* das Grandes Planícies dos Estados Unidos. Aqui, sementeira estreme e utilização de milhos para a engorda de porcos na máxima parte destinados ao consumo urbano, plantas e animais cientificamente seleccionados, campos sem árvores e sem gente, lavoura mecânica, indicam a aplicação, a áreas tão vastas como províncias europeias, dos mais modernos métodos da agricultura e de organização comercial. Numa terra «limpa» dos seus primeiros ocupantes, instalou-se, pela força do capital e da máquina, uma vida rural que nada conservou do substrato ameríndio; o próprio milho, obtido por hibridação, é uma variedade nova e diferente das que tradicionalmente eram cultivadas na América. No México, a paisagem rural ordena-se em torno do milho, mas persistem as suas plantas coniventes habituais; o cereal destina-se pela maior parte à alimentação humana, tanto em espiga assada como em papas e na forma de *tortilla*, redonda e espalmada, de farinha amassada com cal e sem fermento e assada numa chapa quente; nela se enrola qualquer conduto e o seu uso é tão geral como o da «farinha» (de mandioca) no Brasil, sendo o pão apenas corrente na alimentação urbana e das classes superiores. Qualquer aldeia possui uma cinta de culturas mimosas, geralmente regadas, e de árvores de fruto. Em sebes ou esparsas nos solos esqueléticos e na orla dos terrenos cultivados, juntamente com várias euforbiáceas, o *nopal* (*Opuntia*, figueira-da-índia, est. XI,A), de que se comem os frutos, e o gado também as folhas, e o *maguzy* (*Agave*, piteira, est. XII), que se desfolha e talha com a aparência dum ananaz, para destilar a seiva e preparar o *pulque*, aguardente muito forte que é a bebida nacional dos Mexicanos, a mesma com que os Aztecas tomavam «sus borracheras». Muitas outras árvores se conservam nos campos, como o *mezquite* (*Prosopis juliflora*) nas terras secas e os carvalhos e coníferas nas montanhas, mais frescas e húmidas.

Pode encontrar-se certa analogia entre o *mezquital* (est. XII, B), cuidadosamente preservado no desmonte da vegetação primitiva, e o montado (em espanhol *montanera*) das áreas cerealíferas da Ibéria mediterrânea. Na terra ressequida, esta árvore de pequeno porte, ramos espaçados, espi-

nhosa e de folhagem rala, constitui para o gado um suprimento da magra pastagem do chão, tal como *Acacia albida* das áreas sudanesas onde o pastoreio se combina com uma agricultura estável; no México, os Índios mastigam também a polpa adocicada e adstringente das vagens. Tal como no Peru, em áreas onde uma antiga e intensa ocupação agrária fez desaparecer o bosque, permanecem, no meio dos campos e das culturas e em torno das aldeias, árvores residuais. Encontrando uma paisagem semelhante à das *montaneras* da Estremadura e Andaluzia, os «conquistadores», na maioria originários dessas regiões, adoptaram-na sem custo, não procurando modificá-la. Assim, a analogia resulta, como nos socalcos construídos pelos Incas, de convergência e não de influência.

Na sugestiva teoria de C. O. SAUER, existem, na agricultura ameríndia, dois sistemas reprodutivos fundamentais: a sementeira (milho, feijão, abóbora...) e a plantação (batata, batata doce, mandioca). O primeiro teria os seus focos originários no México, o segundo na floresta colombiana e nos planaltos andinos. Na faixa marginal, onde a *secura* dificulta a plantação como processo reprodutivo, poderiam ter nascido os principais ensaios de sementeira. O México central seria, assim, o lugar de origem das principais plantas semeadas, podendo considerar-se como um dos grandes centros da agricultura americana ⁽¹⁴⁾. Investigações recentes, esclarecendo finalmente a origem do milho nesta área, confirmam a hipótese de SAUER. Na altura em que as plantas cultivadas parecem prevalecer sobre a recollecção e as populações começam a tornar-se sedentárias, obtiveram-se, por selecção e hibridação, a partir duma planta bravia de espigas minúsculas, outras de tamanho dez vezes superior ⁽¹⁵⁾. Tal como na civilização pré-incaica de Huaca Prieta, no litoral árido do Peru, as cucurbitáceas e o feijoeiro precederam o aparecimento do famoso cereal.

⁽¹⁴⁾ C. O. SAUER, *ob. cit.*, p. 72 e *Land and Life*, University of California Press, 1965, p. 127.

⁽¹⁵⁾ G. LASSERRE, «Du maïs sauvage au maïs cultivé: les découvertes de Tehuacan (Mexique)», *Les Cahiers d'Outre-mer*, Bordeaux, 1964, pp. 314-324.

Peso da tradição — Nesta área «genética», onde tantos arcaísmos se conservam, não devem, contudo, minimizar-se algumas imagens de agricultura progressiva: grandes extensões regadas no estado de Guanajuato, onde se cultivam morangos destinados à exportação para os Estados Unidos e frutas para conserva, plantações de algodoeiro no regadio do vale do Tepalcatepec, afluente do rio Balsas, onde pequenos aviões espalhavam insecticidas, em voo rasante, prados artificiais de luzerna para engorda de bovinos de abate, sementeiras de sorgo para alimento do gado — curioso efeito de retorno dum «milho» africano mas introduzido recentemente dos Estados Unidos. No entanto, na maior extensão, é um campo de fisionomia mediterrânea tradicional que predomina: lavoura com arado de pau ou charrua metálica, muita gente trabalhando, pequenos rebanhos, contraste tão forte como na Ibéria de Verão longo e sem chuva, entre o *secano*, com culturas de *temporal*, adusto e acinzentado fora da breve estação das chuvas, e a mancha carregada e permanente do *regadio* (est. X, c). A própria vida das aldeias, o movimento da gente que vai ou volta dos campos, o emprego de *caballerias* no transporte dos homens e dos produtos, os índios ajoujados com pesadas cargas, os porcos escuros que erram ou dormem nas ruas à hora do calor, a lenha ajuntada em molhinhos, as casas de adobe, cobertas de açoteias ou de telha de canudo, o aspecto coeso e cerrado das aldeias, tudo evoca uma antiga civilização agrária, bem assente na terra, rotineira e exigente de esforço. Neste país dum continente *novo*, qualquer geógrafo não encandeado pelas formas da vida moderna sente, como nos velhos mundos rurais, o peso da história e o ritmo lento duma vida que, quando se transforma, é para novamente, e por largo tempo, se imobilizar.

Um símile: evolução da cidade do México — Seja-me permitido colher na geografia urbana um símile da necessidade desta perspectiva histórica: tanto mais significativo quanto se trata, por um lado, duma grande cidade «moderna» e, por outro, dum estilo de vida que se considera, e com razão, além de mais sensível ao progresso, o seu principal impulsor.

Em 1325 os Aztecas, que haviam imposto o seu domínio a outros povos do México central, desdenhando centros ceri-

moniais e cidades por estes construídas, algumas das quais já decadentes ou abandonadas, fundaram deliberadamente uma capital do seu império em expansão: Tenochitlan. Essa cidade, que em breve se tornou a maior da América no seu tempo, ocupa um sítio singular: num dos lagos formados pelas águas represadas atrás da cordilheira vulcânica que constitui o eixo orográfico da região. Na altura da conquista espanhola parece ter alcançado o máximo esplendor: amplas praças com altas pirâmides coroadas de templos, mercados ricos e admiravelmente ordenados, residências sumptuosas e uma infinidade de casas no meio de jardins. Um aqueduto, construído no meado do século XV, abastecia a cidade, uma vez que se não podia beber a água salgada da lagoa. Quatro largas calçadas perpendiculares ligavam outras tantas entradas à terra firme. Assento e estrutura podiam comparar-se a Veneza: ocupando inúmeras ilhas, reunidas por grande número de pontes, era em canoas que se fazia muito do trânsito urbano e do movimento com o campo em torno e o abastecimento dos mercados. Mas, enquanto na cidade lagunar os «rios» impõem às ruas um traçado quebrado e sinuoso, aqui a planta desenvolve-se numa quadrícula regular, orientada *grosso modo* pelos pontos cardeais, apenas cortada obliquamente pelos canais naturais. A segurança do sítio deve ter influído na escolha dele por um povo dominador e, como tal, ameaçado; por outro lado, numa civilização sem animais de tiro ou de carga, não seria indiferente poder usar o transporte aquático para os materiais pesados com que se levantaram os seus prestigiosos monumentos ⁽¹⁰⁾.

Depois duma penosa e rápida marcha a partir da costa, os conquistadores chegam deslumbrados à capital do «grande Moctezuma» (1519): Cortez achou-a tão vasta como Sevilha ou Córdoba, com ruas amplas e direitas, metade de terra e metade de água por onde andam as canoas, com pontes tão largas e tão fortes que por ela passariam dez cavaleiros a par. Das várias praças de mercados a maior era «tão grande como duas vezes a cidade de Salamanca, toda cercada de portais em redor, onde há quotidianamente para cima de 60 000 almas comprando e vendendo», tudo muito bem arruado segundo a

⁽¹⁰⁾ C. BATAILLON, *art. cit.*

infinda variedade do que aí se negociava. Alguns «soldados que tinham estado em muitas partes do mundo, e em Constantinopla e em toda a Itália e Roma, disseram que praça tão bem compassada e com tanto concerto e tamanho e cheia de tanta gente não tinham visto» (BERNAL DIAZ DEL CASTILLO). Em meio ano, preso e executado o imperador, Cortez substituiu a sua autoridade ao poder azteca: em 1524 a instalação do «ayuntamiento» dá início à cidade espanhola, edificada sobre as ruínas de pirâmides, templos e palácios. Cortez reservara para si o palácio de Moctezuma. A catedral, a casa do governador, a do *cabildo* e algumas residências sumptuosas fecham o perímetro da que é, ainda hoje, a mais vasta *plaza mayor* de todas as cidades espanholas. Esta admirável obra do planeamento citadino americano correspondia afinal aos mesmos cânones urbanos que o Renascimento impusera na Itália e, por influência dele, se desenvolveriam em Espanha. E assim, uma cidade calcada sobre outra (tal como Cuzco onde, nos muros incaicos, assenta o andar nobre dos palácios espanhóis) tem afinal a mesma planta regular das cidades ideais fundadas deliberadamente para servirem de portos de mar ou de centros de domínio e de organização das conquistas.

A capital da Nova Espanha, por motivos de prestígio, tinha de sobrepor-se à capital azteca, começada a erguer exactamente dois séculos antes. Permaneceram a orientação das ruas e canais, totalmente aterrados só depois de 1900, e o centro administrativo e espiritual (hoje chamado *el Zócalo*), apenas levemente desviado para o sul. Entre grandes edifícios modernos que não alteraram o traçado em quadrícula dos arruamentos, foram poupadas velhas igrejas e palácios «coloniais». É ainda neste centro tão marcado pela história, em frente da casa setecentista chamada dos «azulejos», que se ergue, com os seus 40 andares, o maior arranha-céus da América Latina: elemento de prestígio das cidades novas ou renovadas, comparável às altas torres das catedrais góticas, ao *campanile* ou ao *beffroi* das cidades italianas e flamengas, enriquecidas pelo comércio ou pelos lanifícios e desejosas de ostentar um símbolo desta prosperidade. Tudo isto a despeito das péssimas condições dum terreno instável e empapado, onde os tremores de terra e o assentamento do subsolo fazem pender ou deformar velhos edifícios e põem em risco novas construções.

A capital do mais prestigioso vice-reinado das Índias Ocidentais não podia cessar as suas funções de direcção no estado que dele derivou. A cidade do México conta hoje seis milhões de habitantes, é o maior centro de comércio, de serviços e de vida espiritual do país, o principal nó de comunicações terrestres, o aeroporto mais importante nas linhas nacionais e internacionais e reúne, na sua área de influência imediata, as mais poderosas concentrações da indústria mexicana. Esta enorme cidade, à escala dum continente novo, deve afinal a sua origem e a sua localização a condições naturais, aproveitadas por uma civilização extinta há quase quatro séculos e meio.

Origem complexa da vida rural — Uma civilização extinta na forma superior da sua expressão urbana, não porém no substrato rural, que a cada passo aparece sob o recobrimento do contributo da colonização. Respigam-se nas *Relações* de CORTEZ testemunhos da intensidade da ocupação da terra e da existência do regadio: «É esta província (de Tlaxcala) de muitos vales chãos e formosos e todos lavrados e semeados, sem haver nela coisa vazia... Esta cidade (Cholula) é muito fértil de lavras, porque tem muita terra e se rega a maior parte dela... porque é tanta a multidão da gente que nestas partes mora, que nem um palmo de terra há que não esteja lavrada». Nem de outra forma se poderia compreender o abastecimento dos mercados urbanos e a existência duma capital que se computou em meio milhão de habitantes — cifra assombrosa comparada com as modestas cidades europeias da época e que só tem paralelo nas grandes aglomerações de oásis do mundo muçulmano ou de várzeas da Ásia das Monções. Essa aptidão à agricultura, baseada na associação do milho, é um facto de civilização que as condições naturais estão longe de favorecer. Viu-se como o centro de condensação dos grandes edifícios vulcânicos se interpõe entre faixas de aridez e como esta penetra nas bacias interiores. A divinição do milho, a persistência duma lenda acerca da sua origem, não obstante esta ser tão remota que se conhecem mal as formas bravias de que se supõe derivado e se tardou em descobrir o seu foco inicial, o culto ao deus da chuva e os sacrifícios humanos para conseguir boas colheitas de

temporales, mostram que importância se concedia à obtenção primordial de alimentos e o papel provavelmente modesto do regadio. Por outro lado, com a introdução de animais domésticos, o regime alimentar enriqueceu-se (além do peru e duma variedade de cães pelados, que se cevavam em cativo, a carne provinha da caça), constituiu-se um pastoreio capaz de aproveitar as savanas de *mezquital* e de plantas gordas, e, sobretudo, difundiu-se o arado que, ao contrário do Brasil, é de uso vulgar entre os Índios: em formas que se tornaram mais rústicas é possível reconhecer os paradigmas de diversas regiões da Península (17). É lícito pensar que, a partir do emprego dos animais de lavoura, se alargassem os limites das áreas cultivadas, precisando-se o desenho do cadastro que, visto do ar, recobre com geométrica regularidade enormes extensões. Certamente também por influência espanhola aumentou muito a área do regadio, mesmo antes das obras de grande envergadura que só a técnica moderna tornou possíveis. Para um e outro tipos de agricultura existem condições favoráveis: bacias interiores planas ou levemente abauladas entre as quais avulta a região expressivamente chamada «El Bajío», terraços e largos fundos aluviais. As próprias cidades de fundação colonial se localizam muitas vezes no centro de áreas agrícolas demarcadas pela topografia e na margem de rios: a despeito da instalação recente de várias actividades industriais, persiste nelas o aspecto rural, que se surpreende na agricultura dos quintais, na abundância de produtos agrícolas dos mercados e na cinta de policultura que as envolve.

Nem sempre é fácil a destrição do que é espanhol e ameríndio. Adobes e ladrilhos, ainda hoje tão usados na construção rural (est. XI, A), vendiam-se no mercado de Tenochitlan. Cobertas de açoteias e com pátios interiores, as casas aztecas pareciam «muy amoriscadas», evocando nos conquistadores imagens do mundo muçulmano harmoniosamente fundido na civilização de mais de metade da Península. Guanajuato, no grande centro da mineração e amoedação da prata, constrangida no seu vale, com o rio transformado numa rua pela maior parte coberta de construções, cheia de *calle-*

(17) Podem ver-se vários tipos no admirável museu de Antropologia da cidade do México.

jones tortuosos e sem saída, de casas *colgadas*, inteiramente coberta de açoteias, evoca estranhamente o Mediterrâneo seco, onde o cunho do Islame parece ter-se imprimido para sempre. A aparência de *zoco* dos mercados tradicionais (est. XIII), com as tendas abertas para ruelas onde as pessoas se movem a custo, o artesanato arruado em barracas um pouco acima do chão, que são ao mesmo tempo locais de venda e de fabrico, os lugares de comida onde paira no ar um forte odor de especiaria, mostram que estranhos caminhos às vezes tomam as formas de civilização: e como vão repercutir-se tão longe dos seus focos ou áreas originais.

Mas, se para um geógrafo mediterrâneo o México recorda coisas vistas, é porque também a sua paisagem familiar algo recebeu do mundo do maiz e dos altiplanos secos da Nova Espanha. Daí vieram as piteiras e o nopal, conhecido por *higuera chumba* e *figueira-da-índia* em Espanha e em Portugal, plantas de sebe e de terrenos secos pedregosos e sem cultura (est. XI, B). Na Espanha mediterrânea, na Madeira, no Magrebe, comem-se e apreciam-se os «figos»; na área mais adusta de Marrocos as aldeias ocultam-se atrás de imensas sebes, que tanto subtraem as mulheres no trabalho aos olhares de quem passa como ministram aos homens e ao gado um suprimento alimentar, decisivo nos anos de maior secura, quando as searas são deficitárias. Tão «natural» parece aí que os Franceses lhe chamaram *figuier-de-Barbarie*. A Acrópole de Atenas, porventura a mais significativa criação do espírito do Ocidente, possui uma moldura destas plantas, hoje tão inseparáveis como a oliveira ou a vinha da paisagem mediterrânea.

Quanto ao milho, introduzido no Sul da Espanha desde os primeiros contactos com o mundo caribe e utilizando na Península vias de difusão mal conhecidas (18), domina hoje completamente a paisagem agrária do Noroeste: associado, como por toda a América índia, ao feijoeiro e às abóboras (umas antigas, outras introduzidas do Novo Mundo) e ainda às couves, cultivado a favor do Verão e da rega, instalada inicialmente para os prados inverniais com que alterna. Foi

(18) O. RIBEIRO, s. v. «Milho» no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por JOEL SERRÃO (Lisboa, em publicação): revisão do assunto.

o milho, usado principalmente na forma de *broa* (pão), que alimentou as populações do Portugal atlântico e da Galiza que forneceram ao Brasil e à América de língua espanhola os maiores contingentes imigratórios. A importância que tomou rapidamente a nova planta está documentada no *manuelino* (expressão portuguesa do gótico final, no primeiro terço do século XVI) — única arte europeia que, como a maya e a azteca, utilizou largamente o milho na decoração.

A coincidência mediterrânea do calor e da *secura* estivais não é favorável ao milho. Em áreas de poucas chuvas mas com humidade do ar, pode cultivar-se temporão e de sequeiro; só com o regadio, porém, alcança os rendimentos que fizeram dele uma planta «revolucionária» em relação aos cereais tradicionais: por escapar em grande parte às condições aleatórias do clima e por acrescentar, a uma produção por hectare dupla ou tripla da dos cereais de pragana, as culturas intercalares mencionadas. Por isso o milho se acomodou, no mundo mediterrâneo, às regiões que recebem já a tonalidade climática da Europa média. Este «dom americano à Itália» ⁽¹⁹⁾, onde foi até há pouco uma das bases da alimentação popular, na forma de *polenta* (papa), conta ainda 65 p. 100 da produção, em conjunto, no Piemonte, na Lombardia e no Veneto.

CONCLUSÃO

A paisagem rural americana é, assim, um grande tema de meditação. Mergulhando fundas raízes no obscuro passado ameríndio, que emerge na história quando são aniquiladas as suas estruturas superiores de civilização, permanece em grande parte na vida rural, lenta em transformar-se, fundindo-se harmoniosamente com tudo o que os novos senhores trouxeram na sua bagagem de colonos. Tão harmoniosamente que a des- trinça entre o que é europeu e o que é americano nem sempre é fácil de estabelecer com segurança. Mas a Europa e, através dela, todo o mundo tropical e subtropical receberam também, com várias plantas cultivadas e um animal de capoeira — o peru — a herança de grandes civilizações agrárias: mais

⁽¹⁹⁾ R. ALMAGIÀ, *L'Italia*, Torino, 1959, tomo II, p. 737.

duradoura e abundante, afinal, que a riqueza exaurida das minas do Novo Mundo.

Utilizando as próprias observações, apenas pretendi mostrar, dentro dum ponto de vista comparativo, a complexidade das formas da paisagem rural americana, reflexo afinal do grande laboratório de experiências humanas que tem sido, desde que se abriu à vida de relação, este continente. Muito do que das civilizações rurais da Europa, do Mediterrâneo ou da Ásia, se perde na obscuridade do tempo, pode aqui seguir-se desde um início conhecido e através de contactos e de transformações possíveis de reconstituir. Mais ainda: pode *ver-se* na tenacidade com que, entre as malhas frouxas da rede urbana e alguns polos de progresso, a tradição, quando não a rotina, se conservam na vida do «interior». O geógrafo, que deve saber colocar-se acima do seu tempo e da sua civilização, tem de estar atento a esta variedade, por vezes desconcertante. Uma paisagem rural é uma forma, fugaz ou duradoura, dum certo estágio de evolução. Como para interpretar um relevo não basta examinar os aspectos exteriores, mas procurar reconhecer os elementos da sua estrutura ou arranjo interno e as funções ou processos que permitem compreender, na linha em que tudo flui, a imagem ou aparência presente à observação. Para que, de mero *caso*, essa imagem adquira o valor dum *exemplo*, é necessário inseri-la numa perspectiva de conjunto. «Tudo está em tudo», pressentiram-no os primeiros pensadores gregos. A paisagem rural americana carece de ser vista na *zonalidade* do globo, no substrato das suas civilizações, que vão da colecção mais primitiva até à monumentalidade da pedra, no contributo dos vários povos que constituíram, em terra alheia, as suas pátrias, e no que, a partir destas combinações, ela soube criar de original — paradigmas de universalidade numa civilização que hoje tem os seus focos dum e doutro lado do Atlântico.

ORLANDO RIBEIRO

RÉSUMÉ

Paysages ruraux d'Amérique tropicale. Essai de Géographie comparée — L'Amérique, restée à l'écart jusqu'aux grandes navigations ibériques, s'est ouverte alors à une vie de relations maritimes, tout en subissant la forte empreinte de la colonisation péninsulaire. Le monde tropical est constitué par trois blocs qui présentent à la fois des traits d'unité et de diversité. Les premiers proviennent, soit de convergences physiques zonales, soit des relations humaines dues aux navigations ibériques qui, à partir du XVI^e siècle, ont entouré le globe avec la régularité d'un phénomène de circulation naturelle. La diversité provient à la fois de l'évolution humaine propre à chaque continent et des réactions que ces nouveaux contacts y ont suscités.

Il convient d'en rappeler quelques traits saillants. Dans l'Asie des Moussons: un ensemble de techniques aussi ingénieuses que celles du monde méditerranéen et plus productives que celles de l'Europe moyenne (aménagement soigneux des fonds alluviaux pour la rizière inondée, deux récoltes de la céréale au plus fort rendement connu), grande variété de cultures de complément (cocotier, épices, manguier, etc.), traction animale de l'araire et du chariot, emploi du fumier et des déchets domestiques, puissantes institutions sociales, soit au niveau local (communauté villageoise), soit au niveau général (système des castes dans l'Inde, prestige et autorité des anciens et des mandarins en Chine); société sans tensions mais à partir d'un certain moment immobilisée, foules rurales occupant des terres où les Européens n'ont pu s'établir que comme conquérants ou commerçants en marge des civilisations locales. En Afrique noire: un ensemble de faiblesses techniques, une situation «marginale» par rapport au Vieux Monde dont les inventions ne l'ont pas pénétrée (ni araire, ni roue, ni alphabet, ni monnaie), structures politiques limitées ou instables, économie de traite et esclavage au contact des Européens et, jusqu'à nos jours, dépendance politique et «marginalité» économique. Relativement bien dotés en plantes alimentaires et en animaux domestiques, aucun de ces peuples de paysans ou d'éleveurs ne s'est haussé à des formes supérieures de civilisation.

Par comparaison, l'Amérique présente des contrastes plus accusés: cueillette et agriculture rudimentaire, brillantes civilisations cependant fondées sur une faible base technique: usage réduit du métal, absence de bétail (donc de fumier et de transport animal). C'est pourtant l'Amérique qui a surtout enrichi le reste du monde de ses plantes cultivées: manioc, papayer, cajou, arachide, cacao, qui sont venues pantropicales, maïs, haricot, pomme de terre, tomate, qui ont largement débordé des pays chauds. L'association du maïs constitue un complexe unique au monde, les tiges de la céréale servant de tuteurs aux haricots dont les racines supportent des colonies de bactéries fixant l'azote, les larges feuilles des courges complétant la couverture du sol (C. O. SAUER). Le maïs ne demandant que 60 à 70 jours de travail par an (contre 120 à 130 pour les rizières inondées), ces longs loisirs permirent d'effectuer

des constructions monumentales en ayant recours au seul travail humain. La civilisation maya était en déclin avant l'arrivée des Espagnols; par contre, c'est l'éclat des empires aztèque et inca qui fixa le siège des deux vice-royaumes d'Amérique. Les nouveaux seigneurs, qui anéantirent les hautes classes, adoptèrent cependant en grande partie les formes traditionnelles d'occupation du sol et les structures de propriété et de travail.

Rien de comparable à cette évolution dans le reste du monde tropical. En Asie des Moussons, comme en Europe et dans le monde méditerranéen, les civilisations agraires créèrent des terroirs complètement aménagés, tandis qu'en Afrique, à quelques exceptions près, dominent les paysages agraires inachevés et instables, taillés dans la brousse par abattages et brûlis.

La géographie de l'Amérique ne peut être comprise qu'à la lumière de contacts de civilisation qui sont assez récents pour être historiquement connus. Le substratum indien est très fort; dans les pays andins la majorité de la population est constituée par des Indiens et des métis: il est impossible, par exemple, de comprendre le Pérou, sans faire sa place à la civilisation inca (P. JAMES). Mais l'Amérique est aussi une Europe transposée au delà de l'Atlantique. L'esclavage, l'immigration récente (d'origine européenne, méditerranéenne, orientale) ont contribué au *melting-pot* qui caractérise tous les pays américains. Les grandes lignes des paysages ruraux de l'Amérique tropicale résultent à la fois du substratum indien et des combinaisons variées de contacts humains pendant quatre siècles et demi d'histoire.

Les aspects les plus spectaculaires du paysage rural américain sont dus à l'intervention européenne: plantations tropicales, paysages de monoculture d'Argentine ou des États Unis, où ils prennent une disposition «zonale». L'agriculture typique de ce pays, entièrement mécanisée, est cependant fortement sélective: la plaine est agraire, le relief ondulé est déjà pastoral, la montagne conserve son couvert forestier. De telles «exigences» ne seraient pas transposables dans les milieux aujourd'hui défavorables où sont nées de vieilles civilisations agraires, comme la Méditerranée ou les Andes. Les plantations tropicales offrent des exemples contradictoires de permanence et de fugacité: monoculture de la canne à sucre dans le Nord-Est du Brésil, cycles successifs de la canne à sucre, du café, des oranges, de l'élevage dans la région de Rio.

À l'autre bout de l'échelle, on peut citer les formes d'agriculture itinérante sur brûlis. Le manioc, planté en association avec le complexe maïs-haricot-courge, ne produit qu'à partir de la deuxième année et pendant deux ans: d'où déplacement des champs et instabilité du peuplement. Sans nier l'origine indienne de ces pratiques, il est bon de rappeler que l'écobuage était courant en Europe jusqu'à la fin du XVIII^e siècle et qu'il subsiste dans les montagnes portugaises.

Même des produits d'intérêt commercial sont encore traités comme des cueillettes primitives. Les palmiers du Nord-Est du Brésil (babaçu, carnaúba), l'hévea, sont spontanés, disséminés dans la forêt, tout au plus nettoyée pour faciliter leur développement. On peut y voir une

forme de transition entre les proto-cultures et les plantations industrielles développées à l'appel du commerce mondial.

Mais on trouve en Amérique de véritables *campagnes*, au sens européen, tantôt en rapport avec les civilisations agraires locales (les Incas pratiquaient l'irrigation et la culture en terrasses sur sol rapporté), tantôt développées sous l'influence de la colonisation. Dans le Recôncavo de Bahia, à la limite du *sertão* pastoral, la culture du tabac, sur champs abondamment fumés par le parcage du bétail, en rotation avec des cultures vivrières qui bénéficient de cette fertilisation, soutient les plus fortes densités rurales du Brésil et explique la formation de véritables terroirs. Sur les hautes montagnes et plateaux insulaires du Ceará, qui échappent à l'aridité de la *caatinga* pastorale, on trouve une agriculture autarcique associant manioc, maïs et haricot, bases de l'alimentation, à la canne à sucre, d'où l'on tire à la fois le rhum et un sucre très grossier par des procédés primitifs. Le manioc rapé est traité dans des pressoirs à vis, comme ceux que les Grecs employaient pour le vin et l'huile d'olive et l'on entend le grincement plaintif des vieux chars à boeufs à roues en bobine, analogues à ceux du Nord du Portugal, transportant les tiges vers des *engenhos* rudimentaires, actionnés aussi par des boeufs, rappelant les débuts de la colonisation sucrière.

Dans tous les exemples cités, la campagne a été aménagée avec une remarquable pauvreté de moyens techniques. Toute l'Amérique pré-colombienne ignorait la roue, l'araire, les animaux de trait (le lama porte à peine la moitié du poids que peut soulever un homme). L'ancien Pérou, dans un milieu spécialement défavorable à la prospérité économique et à l'unité politique, a cependant créé une civilisation remarquable et constitue un des grands centres de diffusion d'animaux domestiques et de plantes cultivées (le lama, l'alpaca, la pomme de terre). Les cultures en terrasses, l'irrigation et même le ravitaillement en eau des agglomérations, le réseau routier, y étaient développés au point de faire l'admiration des *conquistadores*.

On note même souvent un véritable appauvrissement des techniques européennes introduites. Le Brésil rural utilise le char à boeufs mais ignore l'araire, et la charrue, dans les régions sucrières, est d'introduction tardive (XVIII^e siècle). La coexistence de rythmes et de techniques correspondant à des stades divers de la civilisation a créé, côte à côte, des paysages d'âges très divers.

Le Mexique Central, qui groupe 48 p. 100 de la population du pays sur 14 p. 100 de sa superficie, peut fournir un bon exemple de la complexité de l'interprétation du monde rural américain: diversité quasi européenne de ses paysages, occupation intégrale des meilleures terres, de nombreuses villes « coloniales » fortement marquées par l'empreinte espagnole se diluant en une banlieue semi-rurale, villages indiens, juxtaposition de civilisations locales aussi différenciées que peuvent l'être les peuples d'Europe. L'aridité menace de tous côtés cette région et s'installe pendant une longue et sévère saison sèche. Cependant les alignements de reliefs volcaniques, issus d'une grande fracture transversale, constituent des centres de condensation qui atténuent la sèche-

resse, et l'accumulation de cendres dans des dépressions fermées par des coulées de laves, donne des sols favorables. L'altitude y introduit une nuance humide et l'on s'étonne de trouver, à quelques kilomètres de distance, des montagnes pastorales et forestières qui rappellent le Jura et des plaines parsemées d'arbustes épineux et de plantes grasses. Pendant la saison des pluies (été), l'association du maïs domine le paysage agricole sans évoquer cependant la monoculture du *corn-belt* des Etats Unis. Le maïs, dont l'épi frais se mange rôti et la farine sert à préparer la *tortilla* (galette où s'enroule toute nourriture), est accompagné de nopals et d'agaves formant des haies ou couvrant les terrains les plus pauvres (le *pulque*, boisson fermentée nationale dont se servaient déjà les Aztèques, est tiré de la sève de l'agave); le mezquite (*Prosopis juliflora*) forme des parcs résiduels qui fournissent un supplément d'alimentation aux hommes et au bétail et ne sont pas sans analogie avec la *montanera* de l'Estremadura et de l'Andalousie, d'où sont originaires la majorité des conquistadores. Comme au Pérou, il est délicat de faire la part des convergences et des influences. Dans ces pays lourds de traditions, on trouve cependant des images d'une agriculture progressive: sur les étendues récemment irriguées de l'Etat de Guanajuato, cultures de fraises exportées aux Etats Unis, plantations de coton traité aux insecticides par des avions, etc. Néanmoins ce qui domine le paysage est le contraste entre *secano* et *regadio*, les gros villages massés avec leur auréole de polyculture soignée; on voit le long des chemins des Indiens ployés sous de lourdes charges, des animaux transportant gens et produits — tous traits d'un autre visage de l'Amérique, qui évoque de vieilles civilisations rurales, bien enracinées et lentes à évoluer.

La ville de Mexico elle-même (6 millions d'habitants) porte le poids de la tradition. Pour des raisons de prestige, Cortez la battit sur les ruines de la capitale de Moctezuma, gardant le même centre et le tracé en damier des rues. Cette capitale, qui groupe l'essentiel du commerce, de l'industrie, des services, des communications du pays, garde une position « historique », au cœur de l'ancien empire aztèque. C'est à la lumière de cet exemple (pris à dessein dans la géographie urbaine, la grande ville étant plus sensible au progrès que les milieux ruraux) qu'il faut interpréter une grande partie des paysages agraires d'Amérique. Les Espagnols furent frappés par l'étendue des terres labourées, en grande partie irriguées, par la forte densité de population et la richesse, la variété et le bon ordre des marchés urbains. Avec l'introduction du bétail, le régime alimentaire s'est enrichi, la vie pastorale a valorisé la savane de mezquite et de plantes grasses, l'araire s'est incorporé à l'outillage technique des Indiens. Quelle est la part du substratum local et de l'apport espagnol? Il est difficile de le dire: construction en pisé et en adobe, couverture en terrasse et cours intérieures évoquent l'ambiance « morisque » de l'Espagne du Sud, tout comme les marchés de produits agricoles et de l'artisanat rappellent les *souks* du Magreb ou de la Péninsule Ibérique.

D'autre part, des éléments du paysage mexicain se sont répandus dans tout le monde méditerranéen. L'acropole d'Athènes est entourée

de nopals dont on mange les «figues» en Espagne, au Maroc, dans l'île de Madère. Agaves et nopals sont aujourd'hui aussi inséparables du cadre méditerranéen que l'olivier ou que la vigne. Le maïs domine, grâce à l'irrigation, le paysage agraire du Nord-Ouest du Portugal, de la Galice, des Asturies, du Nord de l'Italie. L'apport des grandes civilisation agraires d'Amérique a été plus durable que la richesse épuisée de ses mines.

On ne peut interpréter les paysages ruraux de l'Amérique qu'en tenant compte de la zonalité du Globe, du substratum des civilisations indiennes et de l'apport des différents peuples qui se sont constitué des patries de l'autre côté de l'Atlantique.



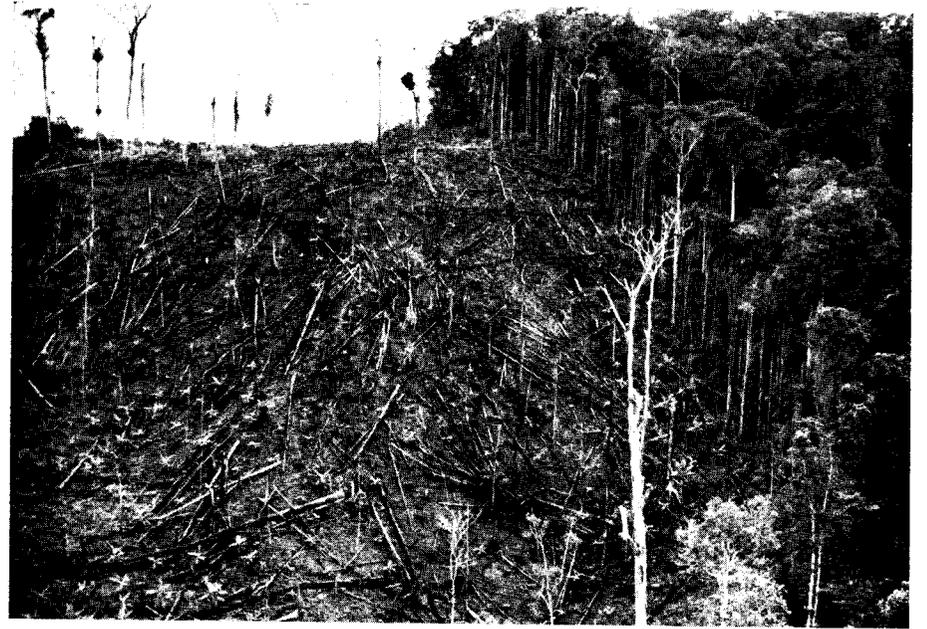
EST. I — Associação de milho, feijoeiro e abóbora. Paricutin, estado de Michoacan, México (Agosto de 1966).



EST. II — Construção duma casa de sopapo na serra de Ibiapaba,
Ceará, Brasil.



EST. III — Colheita de algodão no Tennessee, Estados Unidos
(Agosto de 1952).



EST. IV — Derrubada no Baixo Sul, Bahia, Brasil
(Setembro de 1965).



EST. V, A — Carnaubal espontâneo, Baixo Jaguaribe,
Ceará, Brasil.



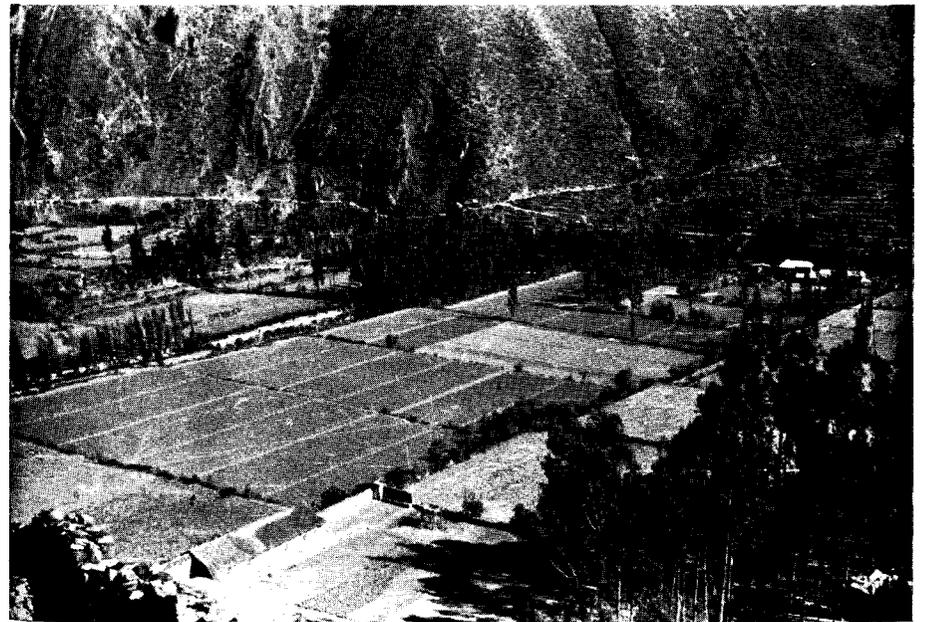
EST. V, B — Plantações de seringueira (*Hevea*) no Baixo Sul,
Bahia, Brasil (Setembro de 1965).



EST. VI Vale de Urubamba, perto de Cuzco, Peru: aproveitamento de uma torrente para a rega de *andenes* (Julho de 1952).



EST. VII, A — Ruínas de construções e de socalcos,
Machu Pichu, Peru.



EST. VII, B — Acéquia e aproveitamento da várzea do vale
de Urubamba, Cuzco, Peru (Julho de 1952).



EST. VIII, A — Plantação de tabaco perto de Cruz das Almas,
Bahia, Brasil (Setembro de 1965).



EST. VIII, B — Casa da farinha, perto de Cruz das Almas,
Bahia, Brasil.



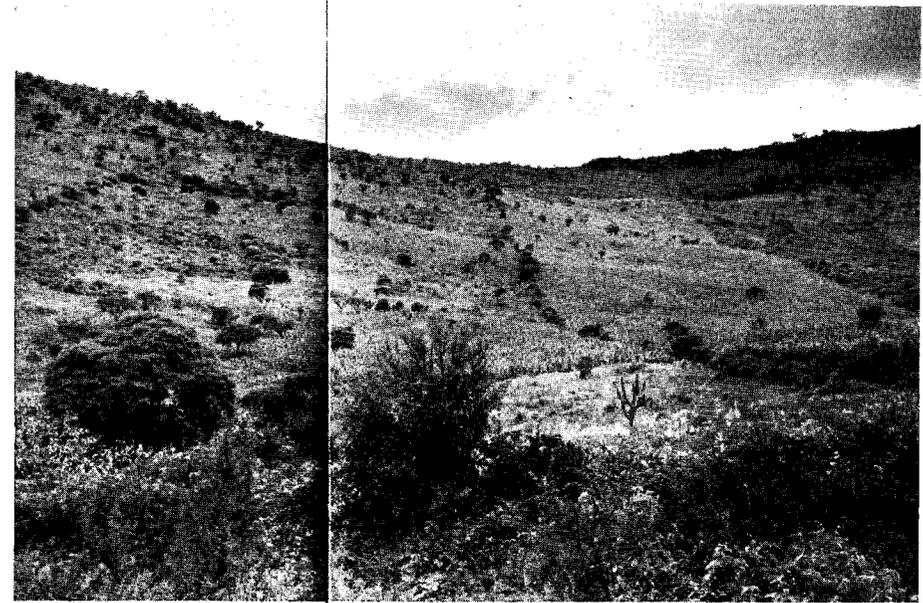
EST. IX, A — Carro de boi e engenho de açúcar. Serra de Ibiapaba, Ceará, Brasil (Julho de 1965).



EST. IX, B — Lavoura com arado *pai-adão*, puxado por uma *junta* de 8 bois, numa plantação de cana-de-açúcar. Recôncavo da Bahia, Brasil (Setembro de 1965).



EST. X, A — Bosques, pastagens e campos de milho em país tarasco, México central (Agosto de 1966).



EST. X, B — Campos de milho com *mezquital*, perto do lago de Chapala, México central (Agosto de 1966).



EST. X, C — Contraste de sequeiro e regadio no Valle del Mesquital perto de Tula, México central (Agosto de 1966).



EST. XI, A — Casa de muros de adobe, *agave* e *nopal*, perto de Guanajuato, México central.



EST. XI, B — Sebe de figueiras-da-india perto de Barrancos, Alentejo, Portugal (para comparação com a anterior).



Est. XII, A — *Agaves* perto de Tula, México central; ao fundo, pasto e *mezquital* (Agosto de 1966).



Est. XII, B — No primeiro plano, ruínas de Tula. *Agave*, campos, pastos e *mezquital* (Agosto de 1966).



EST. XIII — Uma rua do mercado de Uruapan, capital do país tarasco, México central; as mulheres índias usam o traje tradicional.